

RESENDE, Flávia Almeida Vieira. O que se entende hoje por teatro político no Brasil? Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais; FAPEMIG; Mestranda; Orientadora Prof^a. Dr^a. Sara del Carmen Rojo de La Rosa. Atriz.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise crítica do que seria um teatro político, com base em teorias de Bertolt Brecht, Frederico Irazábal, Jorge Dubatti, Sérgio de Carvalho, Theodor Adorno, e de sua realização prática na cena teatral brasileira atual. Esses teóricos trazem diferentes ideias sobre qual deve ser a relação do teatro tanto com macro quanto com a micropolítica e sobre a forma que o teatro político deve assumir. Essas teorias são usadas como base para pensar produções do teatro brasileiro atual que buscam estabelecer uma relação entre a arte e a sociedade. Especificamente, as produções teóricas e dramáticas da Companhia do Latão, e de seu diretor Sérgio de Carvalho, e o trabalho do Teatro da Vertigem servem de exemplos desse tipo de teatro. A Companhia do Latão, existente desde a década de 1990 em São Paulo, estabelece uma relação com a produção teórica e dramática de Bertolt Brecht, e busca, por meio do teatro, propor uma reflexão crítica sobre a sociedade atual. O Teatro da Vertigem, também existente desde a década de 1990 em São Paulo, procura em seus trabalhos uma relação dramática e cênica com espaços não convencionais da cidade, criando espetáculos de intervenção urbana. Ambos os grupos trabalham com processos colaborativos, numa relação mais democrática entre os artistas. O teatro político pode então ser entendido tanto como um tipo de arte que se propõe a ser ferramenta a serviço de uma transformação social, e que estabelece uma relação histórica, como no caso da Companhia do Latão, quanto também como uma possibilidade de abrir brechas na percepção automatizada do espectador e criar novas zonas de subjetivação, como é o caso do Teatro da Vertigem.

Palavras-chave: Teatro Político. Teatro Brasileiro. Companhia do Latão. Teatro da Vertigem.

ABSTRACT

This paper investigates the critical analysis concerning political theater based on concepts of authors such as Bertolt Brecht, Frederico Irazábal, Jorge Dubatti, Sérgio de Carvalho, Theodor Adorno, and its practical realization in the current Brazilian theatrical scene. These authors bring different ideas about what could be the relation of theater both with macro and micropolitics and about which form the political theater should assume. Those theories are thereby used as a basis to think about the current Brazilian theater production once they try to establish a relation between art and society. As examples we have the theoretical and dramaturgical productions of Companhia do Latão, and other works from its director Sérgio de Carvalho, and also the work of Teatro da Vertigem. Companhia do Latão, in existence since 1990s in São Paulo, establishes a relation with the theoretical and dramaturgical production of Bertolt Brecht, and aims, through the theater, to propose a critical reflection in society today. Teatro da Vertigem, also in existence since 1990s in São Paulo, aims through their works a dramaturgical and scenic relation with non conventional

spaces, creating spectacles of urban intervention. Both groups work with collaborative process in a more democratic relationship between the artists. The political theater, in this sense, can be understood both as a kind of art which proposes to be a tool to social transformation, as Companhia do Latão, and as a possibility of making a breakthrough in automated perception of the viewer and create new areas of subjectivity, as it is the case of Teatro da Vertigem.

Keywords: Political Theater. Brazilian Theater. Companhia do Latão. Teatro da Vertigem.

O presente artigo busca abordar parte da produção teatral brasileira atual, especificamente da Companhia do Latão e do Teatro da Vertigem, visando entender o que seria um teatro político hoje no Brasil e qual o pensamento teórico que o envolve. Antes da pergunta que intitula o artigo — o que se entende hoje por teatro político no Brasil? —, podem-se colocar outros questionamentos pertinentes ao momento atual da arte e da sociedade brasileira: arte e política podem estar relacionadas? Em que medida?

Theodor Adorno (2009, p. 49) afirma que “nenhuma obra de arte autêntica e nenhuma filosofia verdadeira jamais esgotaram seu sentido em si mesmas, em seu ser-em-si, sempre estiveram relacionadas ao processo vital real da sociedade”. Da mesma maneira, Edward Said (1996, p. 38) afirma que “não há saída possível aos reinos da arte e do pensamento puros, ou se nos é permitido dizê-lo, ao reino da objetividade desinteressada ou da teoria transcendental. Os intelectuais são de seu tempo”¹. Assim, a questão da relação entre arte e política se inverte: se não existe obra de arte pura, ou um pensamento intelectual exclusivamente objetivo, desligado da sociedade e do sujeito que o produz, a questão é se seria possível uma arte não relacionada à política, à ideologia. Se pensarmos que não, que a arte e o pensamento teórico sempre trazem uma marca de seu produtor, e que essa marca tem sua carga histórica, social e ideológica, nos resta entender em que medida e como a arte pode se relacionar com a política.

Para Jorge Dubatti (2008, p. 115), “o teatro abriga formas subjetivas de compreender e habitar o mundo”, e nessa relação do sujeito com a obra de arte e com o mundo são criadas “zonas de subjetivação” que podem ser tanto macropolíticas como micropolíticas. O teatro macropolítico, segundo Dubatti, seria aquele que produz zonas de subjetividade que se relacionam diretamente com a estrutura vigente, a macropolítica. Esse tipo de teatro pode ter uma atitude de reforço, constituindo-se como uma prática conformista, muitas vezes reforçadora de práticas discursivas e ideológicas dominantes, ou de resistência, que articula uma nova forma de habitar o macropolítico, como é o caso do teatro militante de esquerda. Em contraposição, estaria o teatro micropolítico, que se estabelece como uma zona de subjetividade alternativa à macropolítica. No teatro micropolítico estariam, por exemplo, o teatro experimental e a performance, consideradas como

¹ “No hay huida posible a los reinos del arte y del pensamiento puros o, si se nos permite decirlo, al reino de la objetividad desinteresada o de la teoría transcendental. Los intelectuales son de su tiempo.”

expressões de fronteira, que criam uma “zona de habitabilidade diversa do marco” (DUBATTI, 2008, p. 116), sem propor uma macropolítica alternativa.

A Companhia do Latão, grupo de teatro existente em São Paulo desde 1996, é conhecida por seu trabalho com um teatro assumidamente político, com questões éticas e estéticas baseadas no trabalho de Brecht. O trabalho da companhia, fundado em um teatro épico dialético, é de estabelecer um confronto e apresentar as contradições da estrutura política capitalista. Segundo Sérgio de Carvalho, diretor e dramaturgo do grupo, a aproximação de Brecht veio justamente da ideia de que não é possível pensar em uma arte neutra: “Aproximamo-nos do trabalho de Brecht quando percebemos que não existe linguagem neutra e que as formas da arte traduzem visões de mundo” (CARVALHO, 2009, p. 191).

Para Sérgio de Carvalho, como para Brecht, o engajamento não acontece apenas na temática, mas também, e principalmente, na linguagem, na forma: “Não basta fornecer um tema social. Esse tema social pode ser tratado da maneira mais conservadora possível. (...) A questão é encontrar uma forma crítica” (CARVALHO, 2006). O teatro épico-dialético formulado por Brecht, no qual a Companhia do Latão se baseia, é uma pesquisa primordialmente formal, que se desdobra em um objetivo social: tornar a representação teatral um evento mais crítico e didático, possibilitar a crítica das imagens e das formas ideológicas dominantes, fornecendo ao espectador uma visão de um mundo modificável. Para tanto, o teatro deveria estabelecer uma relação histórica clara — aquilo que é visto em cena está ligado a um período histórico determinado e é, portanto, passível de modificação.

O teatro épico de Brecht vem a propósito do que ele postula como uma dramática não aristotélica. Brecht (2004, pp. 19-20) afirma que um espectador crítico e consciente, pronto para mudar o mundo e não apenas interpretá-lo, não deve identificar-se com as personagens e viver um processo de *catarsis*, de purificação pelo terror e pela compaixão, como é o objetivo na dramática aristotélica. Ele deve estar distanciado da ficção para que possa analisar e refletir sobre ela.

Diversos são os elementos que envolvem o teatro épico-dialético de Brecht, e que corroboram para o distanciamento e para uma atitude crítica do espectador, tais como o uso da narração, das canções, do cenário, de títulos de cenas e projeções. A Companhia do Latão traz em suas peças autorais esses elementos formais prescritos por Brecht, e inclusive chega a montar duas peças do dramaturgo alemão: “Santa Joana dos Matadouros” (1998) e “Círculo de giz caucasiano” (2006). Porém, o grupo mostra-se consciente da dificuldade que é atualizar esse método e transpô-lo para a realidade brasileira. Não basta uma aplicação formal do método, é preciso repensar a validade dele hoje. Sérgio de Carvalho (2009, p. 44) questiona-se, por exemplo, acerca da ênfase no transformável e da desnaturalização em um estágio do capitalismo que traz, ele próprio, uma valorização do dinâmico e que não esconde a primazia do fator econômico. São questões que o grupo tenta responder em suas peças e em suas produções teórico-críticas. Sérgio de Carvalho, em “A

atualidade de Brecht”², faz uma interessante observação: “talvez um bom modo de localizar as ideias mais vivas de Brecht hoje seja procurando entre as que mais aversão despertam”, e “a maior dentre as rejeições de Brecht é de ordem política”.

Se a Companhia do Latão recebe críticas — diga-se de passagem, muitas vezes oriundas de uma falta de aprofundamento por parte dos críticos na reflexão sobre a articulação de forma e conteúdo nas peças do grupo — é por fazer um teatro abertamente engajado, que se filia à tradição *brechtiana*, poucas vezes bem atualizada no teatro. O teatro político do Latão, apesar de não trabalhar com a forma do teatro épico-dialético cristalizada, é muitas vezes vista como “datado”, não atual.

Tomamos como outro exemplo de teatro político no Brasil o Teatro da Vertigem, que trabalha justamente com uma radicalidade de experimentação formal. O grupo iniciou-se em 1992, com uma pesquisa que depois foi apresentada ao público sob o título “O movimento expressivo do ator a partir dos princípios da Mecânica Clássica”. A partir do aprofundamento na técnica atoral, o grupo passou a pensar possibilidades temáticas que o motivassem a produzir um material cênico. Os primeiros trabalhos do Teatro da Vertigem, “Paraíso Perdido” (1993), “O livro de Jó” (1995) e “Apocalipse 1,11” (2000), mergulham em um mesmo tema-base, o lugar da sacralidade e da fé na contemporaneidade, e constituem a chamada “Trilogia Bíblica”. Alguns elementos principais que permeiam os espetáculos do Teatro da Vertigem se tornaram marca do grupo — a apropriação de espaços alternativos e públicos³; a tênue divisão entre teatro e realidade; e o trabalho com um processo colaborativo. Precisamente nesses três aspectos, para além da temática, se encontra o caráter político do trabalho do Teatro da Vertigem.

Frederico Irazábal (2004) considera o teatro político uma modalidade produtivo-receptiva, em que o político não está *a priori* na obra, mas é construído em função de sua recepção, em como a obra concebe seu espectador (se com um papel passivo, ou um papel ativo no processo de significação). Podemos entender, então, que o Teatro da Vertigem, ao se apropriar de espaços públicos, constrói uma modalidade produtivo-receptiva que permite uma nova inserção do espectador naquele espaço e abre brechas na percepção muitas vezes automatizada do espectador sobre a cidade. A apropriação desses espaços, especialmente no caso da Igreja, gerou polêmica e protestos em São Paulo, o que é significativo, pois o teatro político não seria o local exclusivamente da contemplação, mas de colocar em questão temas pertencentes à comunidade.

A apropriação desses espaços públicos e a reação dos espectadores abrem espaço de reflexão sobre outro aspecto do grupo: a tênue divisão entre teatro e realidade. Ao levar a cena para “espaços reais, concretos, com memória e história” (FERNANDES *apud* NESTROVSKI, 2002, p. 40), o Teatro da Vertigem agrega significados à sua representação e instaura uma discussão sobre o lugar do teatro, ou ainda, o lugar da ficção na realidade pública.

² Artigo disponível em <<http://www.companhiadolatao.com.br/html/bretch/index.htm#2>>. Acesso em julho de 2011.

³ “Paraíso Perdido” estreou na Igreja Santa Ifigênia; “O livro de Jó”, no Hospital Humberto Primo; e “Apocalipse 1,11”, no Presídio do Hipódromo, todos os lugares em São Paulo.

Finalmente, sobre a questão do processo colaborativo, que diz respeito às relações de produção, podemos afirmar que ambos os grupos aqui mencionados trabalham sob essa estrutura. Antônio Araújo (2006, p. 127), diretor do Teatro da Vertigem, define essa forma de trabalho da seguinte maneira:

Constitui-se numa metodologia de criação em que todos os integrantes, a partir de suas funções artísticas específicas, têm igual espaço propositivo, trabalhando sem hierarquias – ou com hierarquias móveis, a depender do momento do processo – e produzindo uma obra cuja autoria é compartilhada por todos.

Esse processo, que é comum aos dois grupos, apresenta uma relação produtiva mais igualitária, em que não há alguém, um diretor, que seja mais dono da criação do que os outros envolvidos; todos têm as mesmas possibilidades participativas tanto no trabalho intelectual, de concepção da obra, quanto no trabalho material.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO, Antônio. **O processo colaborativo no Teatro da Vertigem**. In: Sala Preta: Revista de Artes Cênicas, n. 6. São Paulo: ECA-USP, 2006. pp. 127-133
- BRECHT, Bertolt. **Sobre uma dramática no aristotélica**. Escritos sobre teatro. Barcelona: Alba Editorial, 2004. p. 19-54.
- CARVALHO, Sérgio de. **A atualidade de Brecht**. Disponível em <<http://www.companhiadolatao.com.br/html/bretch/index.htm#2>>. Acesso em julho de 2011.
- _____. (org.) **Introdução ao teatro dialético**. São Paulo: Expressão Popular; Companhia do Latão, 2009. 304p.
- DUBATTI, Jorge. **Cartografia teatral**. Introducción al teatro comparado. Buenos Aires: Atuel, 2008.
- IRAZABAL, Federico. **El giro político** – una introducción al teatro político en el marco de las teorías débiles. Buenos Aires: Ed. Biblios, 2004.
- NESTROVSKI, Arthur Rosenblat. **Teatro da vertigem**: trilogia bíblica. São Paulo: Publifolha, 2002.
- SAID, Edward. **Representaciones del intelectual**. In: Representaciones del intelectual. Buenos Aires – Barcelona: Paidós, 1996. pp. 23-40.